

Tradição



Nova
Alvorada

I Volume | Maio 2025

Nota Editorial

Caros Compatriotas Contra-Revolucionários,

Este é o primeiro volume da Revista *Nova Alvorada*, sem dúvida, um marco histórico para a Contra-Revolução.

Hoje, dia 27 de Maio do anno do Senhor de 2025, celebramos o 202º aniversário da gloriosa Vila-Francada com a primeira revista tradicionalista do terceiro milénio, em Portugal.

A revista *Nova Alvorada* deseja a comunhão de todos os tradicionalistas, a fim que os valores contra-revolucionários prosperem com mais firmeza no espirito Nacional.

Cada volume da revista propõe-se a apresentar um tópico tradicionalista, que será explorado pela contribuição dos seus leitores e simpatizantes. Deste modo, esta edição, intitulada «**Tradição**», permite-nos ser abrangente o suficiente para que os nossos futuros leitores conheçam os valores tradicionalistas; e, afirmar para futuras edições temas mais particulares que deverão ser reflectidos com maior seriedade em edições posteriores.

A Revista *Nova Alvorada* dá preferência, e, usa a escripta Etymologica, mas cada auctor é responsável pelo seu texto e adopta a orthographia que desejar: Português vulgar ou Portuguese Etymologico

Fazemos, assim, o apelo a todos os interessados nos valores Catholicos, Nacionais e Monarchicos da nossa amada Pátria de nos lerem e participarem nas nossas actividades. Confiamo-nos, alegremente, às vossas orações.

Viva Portugal! Viva Christo Rei!

A todos os interessados em nos contactar, podem fazê-lo pelo seguinte email:
Revista.nova.alvorada@gmail.com

Trevas Vermelhas, Alvorada Branca

Gil Gravanita

Ao longo de dois séculos dolorosos e revolucionários e, hoje mais que nunca, Portugal vive mergulhado num abysmo de exploração, degeneração e revolução. São os chacais que disputam, os abutres que conspiram, as hienas que entre si lutam. E a que propósito de que coisas costumam lutar as hienas, conspirar os abutres ou disputar-se os chacais? A propósito de uma única coisa: a propósito da presa, a propósito da vítima e do “direito” de a esquartejar à vontade e de à vontade espalmar. E a vítima, no caso, não é outra senão a Pátria Portuguesa. E os seus inimigos mortais: as potências estrangeiras que como chacais disputam entre si, para poderem explorar esta terra. Os Maçons que como abutres conspiram, para degenerar e corromper esta Nação e, por fim, os estrangeirados e inimigos internos que como hienas lutam entre si, para espalhar e manter a Revolução em Portugal. A estes agentes, responsáveis pelo estado miserável em que o Paiz se encontra, damos o nome de Anti-Nação.

Contra-Revolução

Quando a Revolução é um facto, como o é há mais de dois séculos, a Contra-Revolução não é uma escolha; é um dever absoluto de todo o Portuguez que mereça ser tratado como tal. A Contra-Revolução não é uma utopia, um sonho ou uma ilusão; muito menos, é uma Revolução. A Contra-Revolução é Guerra Total contra a Anti-Nação; é a destruição integral da Revolução; é o extermínio dos seus agentes; é a aniquilação da República, do parlamentarismo, da maçonaria, do socialismo, do liberalismo e da democracia.

A Contra-Revolução não quer negociar com a Anti-Nação. Quer esmagá-la. Quer enterrá-la. Quer apagar da memória nacional tudo o que tenha cheiro de república, de democracia, de parlamento, de constituição, de capitalismo, de comunismo, de liberalismo e de Revolução.

Necessidade de Douctrina

Poderia desenvolver eternamente os males da Revolução e a necessidade da Contra-Revolução. Mas, não o farei por não ser o objectivo principal deste artigo e por já existirem vários artigos, documentos e livros sobre o thema que explicam muito melhor do que eu alguma vez poderia explicar. Um desses artigos que recomendo activamente a leitura é “Pela Contra-Revolução”¹. Por isso, focar-me-ei na actual illiteracia doutrinaria da maioria dos tradicionalistas.

Qual é a utilidade de um tradicionalista que desconhece a Doutrina Tradicionalista Portuguesa? Muitos se dizem ser “tradicionalistas” sem nunca lerem um livro Tradicionalista; e aqueles que leem, leem Evola e outros pseudo-tradicionalistas que nem Portuguezes são. Parece que todo o Paiz está cego e adormecido por estas trevas vermelhas, trevas da Revolução e Desordem, e, nem a maioria dos dictos “tradicionalistas” escapam a estas trevas estrangeiras.

É necessário e urgente uma Alvorada Branca. Alvorada por ser o nascer de uma nova Ordem, que como um novo dia faz desaparecer as trevas não sendo mais do que a restauração do antigo dia. E Branca por ser um ressurgimento reacionário, puro e immaculado. Cor da Verdadeira Bandeira Portuguesa e das Vestes da Nossa Senhora de Fátima. Esta Nova Alvorada tem de ser Catholica, Portuguesa e Monarchica. A restauração do Corpo tem de ser antecipada pela restauração do Espírito, por isso, é que estamos a travar uma Guerra Sancta. As batalhas não são só nas ruas e nas trincheiras, mas também nos livros e na cultura. E mais ainda na Alma! Do que vale uma vitória político-militar, se perdermos a nossa Alma? A restauração da Monarchia Tradicional tem de ser também a restauração do Reinado Social do Nosso Senhor Jesus Christo. E, para alcançar este fim, todo o tradicionalista tem de estudar Doutrina Política e Religiosa.

A organização também é um plano, para melhor compilar, estudar e difundir a Doutrina Tradicionalista em vários tópicos. Irei ao longo desta Revista, escrever sobre a aplicabilidade da Doutrina. A estes conjuntos de textos irei chamar de **Nova Monarchia**. Para aniquilar a Revolução e os seus laiaios, temos de levantar bem alto a Bandeira da Sancta Tradição. Esta bandeira não é de conservadorismos estagnados que escolhem um período e de lá nada querem mudar. O Tradicionalismo é a melhor forma de garantir um presente e futuro próspero. Termino este artigo com uma citação de António Sardinha, o Apóstolo da Contra-Revolução:

"O passado é a raiz, o presente é a flor e o futuro é o fruto."

- António Sardinha



A GNOSE GERMANICA MESSIANICA ANTICRISTÃ

Os falsos aliados da Tradição.

Emmanuel de Santarém

O mundo moderno está em crise e nada está ileso dela, nem mesmo a Santa Madre Igreja saiu ilesa, passando de um farol a ser seguido pelos Cristãos, agora tornou-se num mar de desconfianças e suspeitas. O mundo está dominado pelas falsas certezas e desconfianças, os Católicos andam perdidos, muitos enamorados com o veneno do Modernismo, querendo destruir a Igreja, pilar da Moral, o Corpo Místico de Cristo que não se entrega ao mundo, mas que faz de tudo para o orientar. Outros porém, mesmo que bem intencionados, caem em outros venenos ainda perniciosos, julgando-se defensores de Cristo e da sua Igreja, conservadores da sua tradição, caem nas amarras do Diabo.

Quantos de nós já não vimos alguém, dizendo-se Católico, defender o Regime da Alemanha Nacional-Socialista, julgando-se até detentores de um conhecimento que transpassa o bem comum e afirmando que a Igreja nunca condenou tal movimento ou ideologia? Muitos mais são os erros que poderia utilizar para analisar, mas irei trabalhar esta Gnose Germânica Anticristã também conhecida por Nazismo.

Esta Gnose messiânica anticristã é uma ideologia política que, tal como QUALQUER IDEOLOGIA POLÍTICA fora da Realeza de Cristo, é condenada pela Santa Madre Igreja. Esta ideologia que não tem somente um único fundamento ideológico pois, sendo uma Gnose, é maleável pelo mal e, portanto, focar-me-ei na Gnose Hitlerista pois esta é a que designamos popularmente por Nazismo.

Recorro ao Santo Padre Pio XI que, no ano de 1937, num tempo que o os países liberais-democráticos tentavam acordos com o Regime do Anticristo, escreveu a Encíclica em língua alemã «Mit Brennender Sorge» («Com Grave [viva] Preocupação») que condena e crítica vivamente o histórico líder do «Reich» Alemão e o seu regime miserável:

«Não pode considerar-se crente em Deus o que usa o nome de Deus retoricamente, mas só quem une a esta veneranda palavra a genuína e digna noção de Deus.» (Mit Brennender Sorge, Reiner Gottesglaube, 11.)

«Quem com imprecisão panteística identifica Deus com o universo, materializando Deus no mundo e divinizando o mundo em Deus, não pertence aos verdadeiros fiéis.» (*Idem*, 12.)

«Se a raça e o povo, se o Estado e uma sua determinada forma, se os representantes do poder

estatal ou outros elementos fundamentais da sociedade humana possuem, na ordem natural, um posto essencial e digno de respeito — quem, no entanto, os destaca desta escala de valores terrenos, elevando-os à suprema norma de tudo, também dos valores religiosos, e divinizando-os com culto idólatra, inverte e falsifica a ordem, criada e imposta por Deus, está longe da verdadeira fé em Deus e de uma concepção de vida conforme a ela.» (*Idem*, 14.)

«Somente espíritos superficiais podem cair no erro de falar de um Deus nacional, de uma religião nacional, e empreender a tola tentativa de captar nos limites de um só povo, na estreiteza de uma só raça, Deus, Criador do mundo, rei e legislador dos povos, diante de«Se a raça e o povo, se o Estado e uma sua determinada forma, se os representantes do poder estatal ou outros elementos fundamentais da sociedade humana possuem, na ordem natural, um posto essencial e digno de respeito — quem, no entanto, os destaca desta escala de valores terrenos, elevando-os à suprema norma de tudo, também dos valores religiosos, e divinizando-os com culto idólatra, inverte e falsifica a ordem, criada e imposta por Deus, está longe da verdadeira fé em Deus e de uma concepção de vida conforme a ela.» (*Idem*, 14.)

«Somente espíritos superficiais podem cair no erro de falar de um Deus nacional, de uma religião nacional, e empreender a tola tentativa de captar nos limites de um só povo, na estreiteza de uma só raça, Deus, Criador do mundo, rei e legislador dos povos, diante de cuja grandeza as nações são pequenas como gotas de água que caem dum balde (Is 40,15).» (*Idem*, 17.)

«Agradecemos, Veneráveis Irmãos, a vós, a vossos sacerdotes e a todos os fiéis que, na defesa dos direitos da divina Majestade contra um provocante neo-paganismo, apoiado infelizmente por personagens influentes, tendes cumprido e cumpris o vosso dever de cristãos. Este agradecimento é particularmente íntimo e unido a uma admiração reconhecida por aqueles que, no cumprimento deste seu dever, foram julgados dignos de suportar por amor de Deus sacrifícios e sofrimentos.» (*Idem*, 19.)

Se, para alguma alma miserável, isto não chegar, tenhamos o que foi dito (peço desculpa aos leitores deste texto, por citar um livro tão desprezível e criminoso) no *Mein Kampf*, o histérico líder diz o seguinte:

«O Cristianismo não se satisfaz em erigir os seus altares, mas viu-se na contingência de proceder à destruição dos altares dos pagãos. Só essa fanática intolerância tornou possível construir aquela fé adamantina que é a condição essencial de sua existência» (A . Hitler, *Mein Kampf*, Editora Moraes, São Paulo, 1983, p.282.).

«Para um político, o valor de uma religião deve ser apreciado menos pelas faltas inerentes à mesma, do que pelas vantagens que ela possa oferecer. Enquanto um sucedâneo não aparecer, só loucos e criminosos podem querer demolir o que existe» (Idem p. 174).

«O pecado contra o sangue e contra a raça é o pecado original deste mundo e o fim da humanidade que o comete» (Idem, p. 163).

«Sentiremos, então, que em um mundo em que planetas e sóis andam à roda, no qual a força sempre domina a fraqueza e submete-se à escravidão ou elimina-a, não podem existir outras leis para os homens» (Idem p. 161).

Na página 185 deste pseudo livro messiânico, o Anticristo nazista volta a defender a força como lei geral da natureza, e quer aplicar tal lei aos homens:

«O papel do mais forte é dominar».

Muitas almas desbaratadas caem de amores pelo pseudolíder, pela questão Judaica. Vejamos este absurdo anti cristão afirmado por Hitler:

«O judaísmo nunca foi uma religião e sim sempre um povo com características raciais bem definidas» (A .Hitler, *Mein Kampf*, p. 198).

E ainda: «Os maiores conhecedores das possibilidades do emprego da mentira e da calúnia foram, em todos os tempos, os judeus. Começa, entre eles, a mentira por tentarem provar ao mundo que a questão judaica é uma questão religiosa, quando, na realidade, trata-se apenas de um problema de raça, e que raça!» (A .Hitler, *Mein Kampf*, p. 153).

O Judaísmo é uma religião, é uma questão religiosa; a tal ponto isso é verdade que Pio XI declarou : «espiritualmente todos os cristãos somos semitas».

E o próprio Cristo, pelo Batismo, nos faz os verdadeiros filhos de Abraão. Aceitando esse deslocamento da questão judaica do plano religioso para o plano racial, Hitler desvaloriza completamente a missão redentora de Cristo, o Calvário e o próprio até mesmo o próprio cristianismo.

A questão judaica nunca foi, nem pode ser, uma questão racial. É uma questão essencialmente religiosa. Nenhuma pessoa que se diga cristã pode admitir que o judaísmo é um problema racial, como afirmou Hitler.

Para aqueles que ainda não estão convencidos, agora, vejamos algumas frases de Hitler sobre o cristianismo e as religiões em geral extraídas do livro «*Hitler disse-me*», de Hermann Rauschning.

«As religiões? Todas valem umas quanto as outras. Elas não têm, umas e outras, qualquer futuro. Pelo menos quanto aos alemães. O fascismo pode, se quiser, fazer sua paz com a Igreja. Eu farei o mesmo. Por que não? Isto não me impedirá de extirpar o cristianismo da Alemanha» (Hermann Rauschning, Hitler m"a dit, Cooperation, Paris, 1939, p.65).

Foi o que ele tentou fazer na Alemanha, e descaradamente na Polónia. E como ousam ainda dizer que o nazismo não era anti cristão? E, ainda:

«Para o nosso povo [alemão], ao contrário, a religião é um assunto capital. Tudo depende de saber se ele permanecerá fiel à religião judeu-cristã e à moral servil da piedade, ou se ele terá uma nova fé, forte, heróica, em um Deus imanente na natureza, em um Deus indiscernível de seu destino e de seu sangue» (H Rauschning, op. cit. p. 65).

A alusão de Hitler a um Deus imanente, inseparável do sangue, isto é, da raça alemã, coincide com a tese condenada pela Mit Brennender Sorge de um Deus nacional, isto é, a um Deus gnóstico, um Deus que foi aprisionado na Natureza.

Podemos também ver a alusão do histérico líder da Alemanha ao Deus imanente na Natureza que habita o fundo da alma humana - pelo menos na «raça eleita» . Vejam esta frase do pintor de paredes que se tornou Chanceler para a desgraça da Alemanha e do mundo:

«Nós queremos homens livres, que sentem que Deus ****ESTÁ**** neles» (H. Rauschning, op cit. p. 66).

Muitos poderão afirmar que a ligação que estabeleço entre o Nazismo e a Gnose é absurda. Alguns caracterizam que a Gnose é anárquica e secreta, enquanto o Nazismo "condenava as sociedades secretas, defendia a hierarquia e era cristão".

Ora vejamos a realidade histórica:

- 1) O Nazismo nasceu da ação de várias sociedades secretas, como a Thulle Gesellschaft, a Sociedade do Vrill e a Golden Dawn. O próprio Hitler fez parte da Sociedade do Novo Templo fundada por Adolf Lanz von Liebenfelds (que era um nome falso), sociedade secreta completamente gnóstica. Todas essas sociedades secretas eram esotéricas e «tradicionalistas», no sentido esotérico do termo.
- 2) O Nazismo foi um movimento romântico, e são bem conhecidas as suas relações com a Gnose romântica.

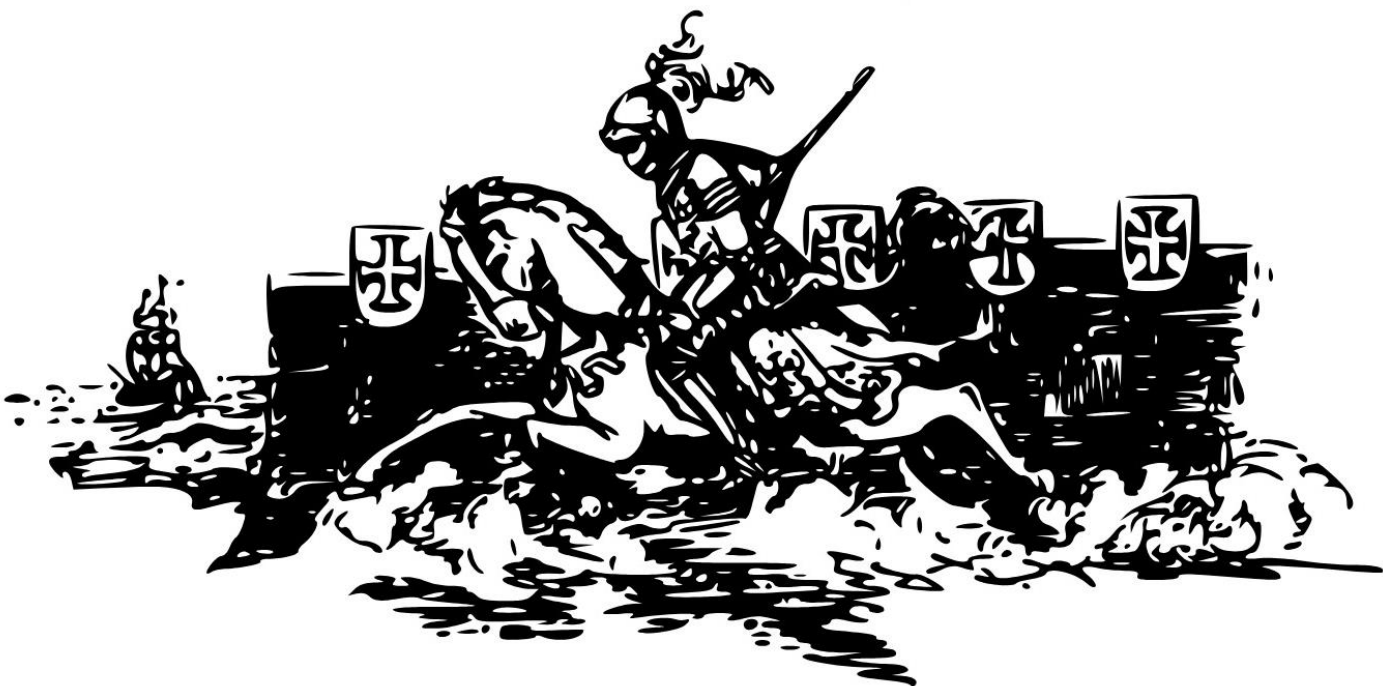
- 3) A sua teoria racista está relacionada com a ideia de que alguns homens têm duas almas, e outros uma só, o que é uma ideia que provém da *Kabbalah*.
- 4) Também são bem conhecidas as relações do Nazismo com a Gnose cátara. Muitos nazistas peregrinavam ao Mont Ségur.

É impossível que se ignore o carácter esotérico e gnóstico de um movimento que tinha por símbolo a *swastika*, símbolo definitivamente esotérico, mágico, dialético e gnóstico. *Swastika* com que também Lenine mandou marcar as notas validadas pelo governo bolchevista.

Aliás, a revolução nazista foi financiada pelo mesmo banco que financiou a revolução bolchevista de Lenine: o banco Kuhn Loebe de Nova Iorque.

Espero ter deixado evidente que nem tudo o que é aparentemente «tradicionalista» realmente o é. Muito cuidado precisam ter os Católicos do mundo moderno, não esqueçamos que o Diabo também enganou o nosso Pai Adão e nossa Mãe Eva, não caíamos no mesmo erro de tentar conversar com o Diabo.

In corde Iesu et Mariae semper,
Theotonio Santareno.



Dom Duarte, Rei-Filósofo:

Symbolo e Prefiguração do Integralismo Lusitano

Lucas Orsini

Entre as figuras augustas da Monarchia Portuguesa, poucas haverá tão dignas de veneração como El-Rei Dom Duarte, chamado Eloquentes, não só pela pureza do seu estylo, senão também pela elevação dos seus dictames e pela integridade moral do seu exemplo régio. A sua memória, tantas vezes relegada para os escaninhos do olvido nacional, impõe-se, hoje, com luminosa actualidade, como farol para os que procuram restaurar Portugal, segundo os princípios eternos da Tradição, da Realeza orgânica e do Direito Natural. É neste sentido que o Integralismo Lusitano, movimento de reacção contra o disgregar da ordem christã e patriótica, reconhece em Dom Duarte hum seu predecessor, não por coincidência de época, mas por identidade de essência.

Obras como *O Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, longe de serem meros compêndios moralisadores ou tratados equestres, constituem verdadeiros monumentos de doutrina política e espiritual. Dom Duarte, em sua reflexão sobre os deveres do príncipe e sobre o governo da alma, não se limita a repetir os lugares-comuns do thomismo vulgar ou do moralismo escolástico. Antes, transporta a reflexão para hum nível de interioridade que, antecipando o próprio movimento da modernidade no que elle teve de legítimo, funda a auctoridade sobre a consciência recta e a ordem da alma. Como escreve em *O Leal Conselheiro*:

«E a Nosso Senhor Deos em grande mercee terria, se, de minha vida, feitos e dictos, muitos filhassem proveitosa ensinança e nunca o contrario.» (p. 8)

Dom Duarte encarna o *rex justus*, o rei que governa não por força de vontade ou direito de conquista, mas por rectidão interior e submissão à Lei divina. N'elle se realiza o ideal agostiniano do príncipe como servo da justiça e pastor do povo, reflexo do próprio Christo-Rei. A sua coroa não lhe pesa como privilégio, mas como carga, como cruz a ser levada em nome do bem commum.

A lealdade, tal qual a concebeo El-Rei Dom Duarte, não se reduz a mera obediência ou a vínculo de honra feudal, mas exprime hum princípio unitivo entre a alma particular e a ordem universal. Mais que submissão, é adesão amorosa e racional á verdade incarnada na auctoridade legítima, seja no rei, no pae ou em Deos.

Ao propor que o bom rei deve amar os seus como o pae ama os filhos, Dom Duarte eleva o governo á dignidade de paternidade espiritual, fazendo da lealdade o nexo vivo entre a consciência individual e a ordem commum. Essa concepção, que antecipa o pensamento de D. Francisco Manoel de Mello e se reflecte na poesia de Camões, revela a lealdade como impulso de união entre o visível e o invisível, entre o concreto e o eterno — não como sentimento vago, mas como fundamento da própria estrutura do mundo portuguez, onde o poder é serviço e a fidelidade é communhão.

«A Lei tenho d’Aquelle a cujo império
Obedece o visível e invisível[1],
Aquelle que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensível[1];
Que padeceu deshonra e vitupério,
Soffrendo morte injusta e insofrível[1],
E que do Céu à Terra enfim deceu,
Por subir os mortaes da Terra ao Céu.»
— *Camões, Os Lusíadas*, Canto I, est. 11

A ideia de lealdade, pedra angular da sua doutrina régia, adquire, então, a amplitude de unidade cósmica, donde dimana huma visão do outro — quer súbdito, quer estrangeiro — como partícipe de huma mesma ordem moral. Esta intuição viria a integrar, nos séculos ulteriores, os sistemas de pensamento com incidência na visão lusíada do mundo, preparando teoricamente a gesta das Descobertas. Ao praticar a autognose, Dom Duarte principia, sem nomeá-lo, o estudo fenomenológico da nossa sensibilidade, concedendo estatuto ontológico à saudade, que nelle se apresenta não como melancolia passiva, senão como tensão espiritual entre a terra e o Céu.

Diversamente de Aristóteles, ainda que fundado na doutrina aristotélica dos bens da alma, Dom Duarte antecipa a ética à política, e, com esta doutrina, interioriza o poder público, distribuindo-o pelas mônadas pessoais. Tal concepção, de raro alcance especulativo, confere à alma racional do indivíduo a dignidade de princípio de ordem, de modo que o governo exterior só se justifica na medida em que reflita a ordenação interior da consciência moral. Assim, se compreende que o poder paternal, conforme no-lo propõe o Rei-Filósofo, transcenda a realidade do seu tempo, oscilante entre o poder patrimonial e o laço contratual do senhorio feudal.

Na ordem pedagógica, concebe o pae como mestre de sabedoria, que do natural ascende ao sobrenatural. Neste sentido, opõe — e provavelmente pela primeira vez na história das ideias do Ocidente — a noção de perfeição divina do amor infinito à tradição helénica da perfeição absoluta e imóvel. Tal síntese, profundamente christã, constitui hum dos fundamentos do espírito portuguez, no qual a ordem do coração prevalece sobre a fria geometria das ideias.

«Porém, ainda que pareça trabalhoso aprender e acostumar-se às ditas partes do entendimento, todavia cumpre que as acostumemos, pois todos os sabedores isso aconselham e mandam — posto que o não façam — guardando aquela palavra de Nosso Senhor: que façamos o que nos ensinarem, ainda que o assim não ponham por obra.»

— *D. Duarte, O Leal Conselheiro*, Cap. Primeiro «das partes do nosso entendimento»

A educação do príncipe, thema central do *Leal Conselheiro*, é também educação da alma portuguesa. O cavalleiro que bem cavalga toda sela é o symbolo do homem virtuoso, capaz de enfrentar a vida com honra, fortaleza e fé. O cavalleiro não é apenas soldado, é symbolo da alma que luta por sua integridade, tal como o integralista que, na modernidade dissoluta, ergue-se contra os vendavaes do niilismo.

É neste laço entre Tradição e actualidade que se enraíza a nossa fidelidade a Dom Duarte. A sua vida, marcada por austeridade, devoção e senso de responsabilidade, ergue-se como exemplo acabado de *rex justus*, cujo governo não era ambição, senão serviço. A morte prematura, às portas de África, não empana, antes coroa, o carácter sacrificial da sua missão régia. Elle incarnou, como poucos, o espírito de serviço ao bem commum, e é por isso que o vemos como imagem do cavalleiro, definida por El-Rei Dom Duarte, e narrada na expressão de Afonso Botelho:

«O homem está no serviço que Deos lhe destinou. Conforme o seu estado relativo a Deos, assim o cavalleiro abre a “real carreira” ou se perde na estrada nevoeirenta da ausência.»

— *Botelho, Afonso— Andar dereito*, p. 256

Afonso Botelho e Hipólito Raposo, vultos do Integralismo Lusitano, cada qual a seu modo, insistem em que a Tradição não é mera repetição do passado, mas perpetuação de hum princípio eterno. Por isso, invocar Dom Duarte não é arqueologismo, mas acto de fidelidade à essencia do Portugal profundo. O Integralismo Lusitano, ao elegê-lo como symbolo, não faz senão reconhecer hum de seus predecessores mais puros e elevados, reconhecendo em Dom Duarte não só hum predecessor, mas hum espelho antecipado do seu ideal mais profundo.

Dom Duarte é mais que personagem histórico: é archétypo da Realeza sacra, do governo com alma, do Portugal eternal. Na sua obra pulsa o coração da Tradição, origem e destino para o olhar integralista. O Integralismo Lusitano, como doutrina contra- revolucionária e tradição viva, vê em Dom Duarte symbolo da unidade entre fé, poder e ordem. Invocar o seu nome não é saudade passiva, mas acto de fidelidade militante. Se queremos restaurar a Cidade, devemos antes restaurar o homem — e não há melhor modelo, entre nós, que El-Rei Dom Duarte.

Em tempos de desordem e dissolução, a lembrança do Rei-Filósofo resplandece como guia e modelo. Dom Duarte vive, e viverá, enquanto houver Portuguezes que, com alma leal, recitem o que Elle escreveu com coração régio.

A Inabalável Relevância da Família

Elsa Marques Vivo

A Família, desde os primórdios da civilização, é o alicerce da sociedade, o berço onde se moldam os valores, se cultivam os laços afetivos e se constrói o futuro da humanidade. É neste princípio basilar que sempre se sustentaram as grandes Nações, melhor dizendo, os grandes Reinos. Contudo, a Era Moderna, após o negro Século das Luzes e as suas consequentes escolas ideológicas, desafia a estrutura e a dinâmica da família tradicional, levantando questões sobre a sua relevância e impedindo o seu natural funcionamento à luz do Magistério da Igreja.

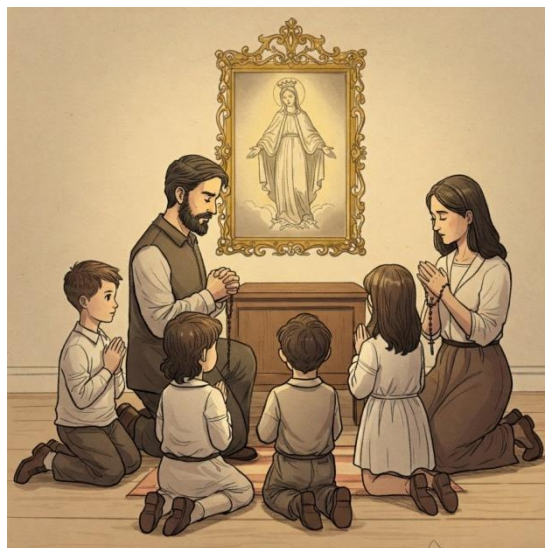
É inegável que a modernidade trouxe consigo mudanças significativas: a diversificação das estruturas familiares, a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, a inovação tecnológica e o esbatimento dos valores morais são apenas alguns dos fatores que moldam o panorama familiar contemporâneo. Não obstante, ainda que embebida nesta complexidade, a família tradicional, ancorada nos Princípios Católicos, continua a ser um exemplo e modelo de estabilidade e esperança. O lar tradicional, tal como nos é recomendado pela Igreja Católica e; por esta verdade empiricamente vivida durante gerações compreende-se que a Família tem um papel importante na sociedade e no próprio ser humano, enquanto indivíduo.

A Família, aos olhos da Santa Igreja, deverá assentar nos princípios da palavra de Deus e do Magistério da Igreja. Alicerçada no matrimônio indissolúvel entre um homem e uma mulher, aberto à procriação e à educação dos filhos. Esta união sagrada, abençoada pela Graça Divina, é a base sobre a qual se constrói um lar que promova a prática de virtudes e que fomenta a fé. O matrimônio, Sacramento que sela a união entre os cônjuges, confere aos esposos a graça de se amarem e se apoiarem mutuamente, de serem um para o outro um sinal do amor de Cristo pela Igreja. Essa união indissolúvel, baseada na fidelidade e no compromisso, proporciona um ambiente seguro e estável para o crescimento e o desenvolvimento dos filhos. A Igreja sempre foi muito clara a explicar o vínculo que o Matrimônio deixa na alma do casal, também sempre esteve capaz de responder às provocações do mundo moderno. Por um lado, a Encíclica *Arcanum Divinae Sapientiae* (Papa Leão XIII, 10 de fevereiro de 1880) visava responder à intervenção estatal no Matrimônio e condenar as normas civis que permitiam o divórcio e a dissolução do vínculo conjugal; por outro lado — e mais recente — a Encíclica *Humana Vitae* (Papa Paulo VI, 1968) reforça a importância do matrimônio e reforça a posição da Igreja perante os novos meios contraceptivos, concretamente, a pílula.

A procriação e a educação dos filhos são dons e responsabilidades inerentes ao matrimônio. A família tradicional, ao acolher a vida com amor e generosidade,

para a perpetuação da humanidade e para a construção de um futuro melhor. Os pais, ao educarem os seus filhos com amor, disciplina e sabedoria, preparam-nos para serem responsáveis e virtuosos. Deste modo, a Família é também a "Igreja doméstica", o primeiro lugar onde a fé é vivida, transmitida e celebrada. Os pais, como primeiros evangelizadores dos seus filhos, têm a missão de ensinar-lhes a amar a Deus e ao próximo, de transmitir-lhes o Querigma e os valores morais e éticos que deveriam reger todos os indivíduos e, impreterivelmente, os católicos.

A Família, como núcleo fundamental da sociedade, desempenha um papel crucial na formação de indivíduos íntegros e na construção de comunidades justas. É no seio da família que se aprendem os primeiros valores, que se cultivam os laços afetivos e que se desenvolve o senso de responsabilidade social. No mundo marcado pela individualidade e pelo relativismo, a Família Tradicional oferece, ainda, um modelo seguro, um lar onde a educação pelos valores verdadeiros são compromissos inegociáveis.



É verdade que a família tradicional enfrenta desafios na Era Moderna: a tentativa de conciliação entre trabalho e família e a influência dos valores individualistas são apenas alguns dos muitos obstáculos que se lhe apresentam. No entanto, esses desafios não diminuem a importância da família tradicional, mas sim a necessidade de fortalecê-la e apoiá-la. A Igreja Católica, consciente dos desafios que as famílias enfrentam, oferece acompanhamento espiritual, orientação doutrinal auxiliando os fiéis casados a permanecer firmes no seu propósito e viverem plenamente a sua vocação. Além do apoio da Igreja, é fundamental que a sociedade, como um todo, reconheça e valorize a importância da Família Tradicional. O Estado - assim exorta a Doutrina Social da Igreja- deve promover Políticas públicas que incentivem a maternidade e a paternidade responsáveis, que promovam a conciliação entre trabalho e família e outras medidas são essenciais para fortalecer a família e garantir, inclusive, o futuro da Nação. Ao valorizar e fortalecer a família tradicional, investe-se no futuro da humanidade.

E, quanto a isso, o *Catecismo Maior de São Pio X* oferece-nos uma visão complementar sobre a importância da família tradicional, com particular ênfase no matrimônio como sacramento, na indissolubilidade do vínculo matrimonial e na responsabilidade dos pais na educação cristã dos filhos. Recordando-nos que "O Matrimônio é um Sacramento instituído por Jesus Cristo, que une o homem e a mulher para sempre, e dá-lhes a graça de se amarem de modo sancto e de educarem na prática católica os seus filhos." Esta definição sublinha a natureza sagrada do matrimônio, distinguindo-o de meros contratos civis e elevando-o a um patamar de união abençoada por Deus. A indissolubilidade do matrimônio é outro pilar fundamental da família tradicional, reafirmado pelo Catecismo de São Pio X: "O Matrimônio é um vínculo perpétuo, que só a morte pode dissolver." Esta doutrina visa garantir a estabilidade da família e o bem-estar dos filhos, proporcionando-lhes um ambiente seguro e estável para o seu crescimento e desenvolvimento.

A educação cristã dos filhos é uma responsabilidade primordial dos pais, como nos ensina o *Catecismo Maior de São Pio X*: "Os pais têm a obrigação de educar os seus filhos na religião, instruí-los na doutrina cristã, e dar-lhes bons exemplos."

Esta educação visa formar bons cristãos e cidadãos responsáveis, transmitindo-lhes os valores morais e espirituais que os guiarão ao longo da vida.

O quarto mandamento da Lei de Deus, que ordena honrar pai e mãe, é também recordado pelo *Catecismo Maior de São Pio X*: "O quarto mandamento manda honrar pai e mãe, isto é, respeitá-los, amá-los, obedecer-lhes, e socorrê-los nas suas necessidades." Este mandamento fortalece os laços familiares e promove o respeito pela autoridade dos pais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa.

Para concluir, o *Catecismo Maior de São Pio X* não explora explicitamente o papel social da família; contudo implicitamente reconhece a sua importância como base da sociedade, ao enfatizar a educação dos filhos e o cumprimento dos deveres familiares. A família é o local onde se aprende a viver em sociedade, onde se aprende a amar e a respeitar o próximo, onde se aprendem os valores que nos fazem ser bons cristãos. A família é o lugar predileto para a transmissão da tradição. É no seio familiar que se transmitem os valores, costumes e crenças que moldam a identidade de um povo. Nesse sentido, é possível fazer o paralelismo com a Monarquia Tradicional, enquanto sistema que valoriza a continuidade histórica e a herança cultural, que encontra na família tradicional um pilar fundamental para a sua perpetuação. A transmissão dos valores, como o sentido de dever, a lealdade e o serviço ao bem comum, ocorre de geração em geração, consolidando a tradição monárquica na sociedade.

Aliarum tot sanctarum familiarum est Sacra Familia exordium. (Lumen Gentium, 40).

A Sagrada Família é o início de tantas outras famílias santas.

O Azulejo e a cultura portuguesa

Mariana Lemos

O azulejo é frequentemente utilizado como uma solução decorativa, mas a sua importância vai muito além disso. Durante o séc. XVIII, consolidou-se como uma arte tipicamente portuguesa, tornando-se parte da identidade nacional. No entanto, a introdução deste objeto artístico em território lusitano deu-se durante o período da Reconquista através do contacto com a cultura árabe. Conta-se que, durante uma visita de D. Manuel I a Espanha, o monarca teve contacto com a azulejaria hispano-mourisca nos palácios de Sevilha e Granada. Maravilhado, deu início à exportação de azulejos, que seriam empregados na decoração de construções. Um exemplo disso são os azulejos com a esfera armilar do Palácio Nacional de Sintra que foram encomendados à oficina de Fernand Martínez Guijarro e de Pedro de Herrera, seu filho, entre 1508 e 1509.

Posteriormente, no século XVI, surge a primeira produção de azulejos em Portugal de que se tem notícia, o que dá-se através de dois artesãos flamengos que se instalaram em Lisboa. Eles trouxeram consigo uma nova técnica: a faiança, que gradualmente substituiu o *horror vacui* predominante na produção azulejar hispano-mourisca. Um exemplar sublime da época é o retábulo de Nossa Senhora da vida, concebido para a igreja de Santo André, mas que após a sua demolição, passou a localizar-se no Museu Nacional do Azulejo.

A peça representa uma estrutura arquitetura simulada, recorrendo a uma técnica desenvolvida durante o renascimento e aperfeiçoada no barroco chamada de *trompe-l'oeil*, que em português significa “enganar os olhos”, criando uma ilusão de profundidade e realismo. Ao centro, está representada uma “Adoração dos Pastores”, ladeada por dois nichos separados por colunas coríntias adornadas com enrolamentos de hera com estátuas de São João Evangelista (à esquerda) e São Lucas (à direita). No topo, está uma representação da anunciação com um buraco no meio, onde posteriormente localizava-se uma janela, permitindo a entrada da luz do sol, de maneira a simbolizar a luz do Espírito Santo. Outra característica notável desse painel é a policromia, que era característica dos azulejos desse período.

Até a primeira metade do século XVII, predominava-se o uso da policromia, com o uso de cores como amarelo, azul, laranja, verde e branco, que eram obtidas através de óxidos metálicos derivados de minerais. Porém, durante a segunda metade do século, há uma onda de orientalização da arte Portuguesa devido ao contacto com outras culturas, culminando numa preferência por azulejos monocromáticos inspirados na porcelana oriental.

Outra influência importante desse período é a da azulejaria holandesa.



Figura 1 Retábulo Nossa Sra da Vida, Museu do Azulejo, Lisboa

O Barroco Joanino é tido por muitos como o apogeu da produção azulejar. Durante o período, os azulejos passaram a desempenhar um papel central na ornamentação de igrejas, palácios e outros edifícios. A azulejaria adquire um caráter monumental e sumptuoso, com recurso a padrões ornamentais sofisticados. Essa crescente sofisticação foi possível devido à introdução de duas novas técnicas, como o engobe, que consistia na aplicação de barro colorido sob a peça. A nível temático, também houveram inovações, como a introdução de temas de caráter histórico e mitológico



Figura 2-Azulejo com as Fábulas de La Fontaine, Mosteiro de S. Vicente, Lisboa

O século XIX traz consigo o movimento do Romantismo, que abarca valores como o patriotismo e a valorização da identidade cultural, e é nesse contexto que o azulejo passa a ser reconhecido como parte intrínseca da cultura portuguesa. A produção passa a ser mais dinâmica e a integrar novos métodos de produção. Os painéis azulejos românticos destinavam-se não somente à edifícios importantes, mas também gares e estações de comboio, que eram locais acessíveis ao público e com bastante afluência de pessoas de diferentes idades, raças, etnias e nacionalidades, o que era uma forma não somente de embelezar o espaço, mas também de educar o público. As temáticas mais valorizadas, para além da religiosa, eram cenas históricas, como a guerra peninsular, e temas relacionados à natureza.

Ao longo do tempo, o azulejo tornou-se reflexo da identidade cultural e histórica do país, atravessando séculos de transformações e influências. Testemunhou mudanças na sociedade e a formação de um povo, tornando-se um símbolo da arte portuguesa.

No entanto, apesar do seu valor inestimável, os azulejos têm sido vítimas de roubos, vandalismos e depredações. Muitas peças são retiradas de edifícios e colocadas à venda no mercado negro, levando a perdas de partes importantes da história e da cultura. Diante disso, a criação de iniciativas para a conservação da azulejaria portuguesa torna-se urgente. Medidas como a catalogação correta das peças, a implantação de punições mais rígidas e rigorosas contra o roubo são essenciais para preservar esse legado. A valorização do azulejo deve ser um dever de toda a sociedade, a fim de que possa ser protegido e preservado para as gerações futuras.

A Crise da Igreja (e do Espírito)

Carlos Pinela

Não é surpresa para ninguém que actualmente estamos perante uma Crise na Igreja. Já nem digo que o Clero não professa a única Fé, mas já não professa uma única Fé. A Doutrina varia de pastor para pastor, de nação em nação e, as ovelhas sedentas da Verdade, por vezes, perdem-se. Deus tem-me dado a Graça de ver homens e mulheres com *bónae voluntátis* (boa vontade, como repetimos todos os Domingos na Santa Missa) espalhados por todos os sítios. Sejam eles dos vários pontos da Tradição Católica, sejam eles da *Novus Ordo*, inclusive. Vê-se almas dispostas a amar Deus verdadeiramente, prestam serviço à comunidade onde estão inseridos, têm as suas devoções particulares, comovem-se com os jovens a aparecer nas Igrejas para rezar o Terço. São verdadeiramente filhos de Deus e Nosso Senhor, há de se ter em conta o seu serviço prestado à Santa Madre Igreja. Mas, como referi, infelizmente os pastores estão dispersos e afastados da verdadeira Fé Católica. Creio que a culpa não recaia sobre as ovelhas que, pobres delas, não fazem ideia do que se passa. Mas, na Fé que lhes apresentam, servem de corpo e de alma.

Depois temos outra questão actual: a Santa Missa. Temos a grande maioria a frequentar a Missa Nova. Em Portugal é raro o escândalo que se oiça comparado com outros países. Sei de uma paróquia local que o senhor Padre celebra Missa Nova em vernáculo, porém de costas voltadas para os fiéis. Diz “por muitos” e não “por todos” durante a consagração e, apesar de tudo, tem um rebanho minimamente conservador perante a actualidade. Mas, no entanto, uma senhora dessa paróquia queixou-se particularmente a mim que cada vez menos pessoas frequentam a Missa. O Novus Ordo mostra-nos uma “fé” enfraquecida, morna e que não cativa as almas; e, as que lá vão, ou têm a disposição de servir, como referi anteriormente, ou, então, é-lhes indiferente, com muita pena...

Há uns dias entrei numa Igreja e deparei-me com o senhor Padre vestido com a batina, e fiquei admirado. Mas não é suposto ficar admirado! Os Padres assim se devem apresentar ao mundo. Um Padre andar sempre identificado é grande sinal perante o mundo. Tal como São Francisco fazia do seu hábito a pregação, assim os Padres também pregam no meio do mundo usando o seu permanente uniforme de servos de Cristo. Perante uma urgência de uma pessoa que se precise de confessar, se passar por um Padre “à paisana” na rua, como vai ela saber que Nosso Senhor lhe deu uma chance de curar a sua alma? Um Padre muito amigo meu disse-me que já confessou inúmeras vezes em estações de autocarros e aeroportos precisamente por andar sempre de batina...

A outra vertente da Santa Missa: a Missa de Sempre. E aqui começa o conflito a sério. Para não falar das diferentes visões sobre a Crise da Igreja, as pessoas procuram a Missa Tradicional quase por culto litúrgico. Infelizmente, vejo pessoas a ir à Santa Missa de Sempre com a mesma postura que vão a uma Feira Medieval. A Santa Missa não é um teatro. É o Calvário e quem está a ser crucificado é Nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda dentro do espectro da Tradição temos pessoas que levam toda esta Crise a outro nível, e é aqui que precisamente queria chegar. Acima de tudo não nos podemos esquecer que somos Católicos. Somos Cristãos. Somos filhos de Deus. Somos chamados a servir Aquele que deu a vida por cada um de nós e carregou todos os nossos pecados. E, aqueles que estão atentos à Crise, ocorrem-lhes vários problemas. Para mim, o mais grave de todos: as prioridades.

Desde o Concílio Vaticano II, em que começaram as reformas e mudanças drásticas na Igreja, vemos os Católicos perplexos (e com razão), mas muitos esquecem-se de ser Católicos!!! Estudam teologia e são os novos doutores da Igreja com uma licenciatura no YouTube e um mestrado em documentos Papais! Estudam não para aprofundar e (tentar) conhecer as maravilhas de Deus, mas para o que lhes convém refutar! Infelizmente, muitos deles abandonam a Fé Católica tornando-se sedevacantistas. Estudam o código de direito canónico, vão ver os diferentes Missais, acompanham diferentes padres da Igreja, saltando para o que mais lhes convém, criando cada vez mais a divisão dentro da Nossa Mãe! Tudo isto porque a sua religião já não é mais o Catolicismo, mas o próprio Concílio Vaticano II mais

importância dão ao Concílio aqueles que não o aceitam, do que aqueles que o aceitam. Eis aqui o pior fruto da Crise da Igreja. Não só afasta as almas inocentes da Verdade, como aqueles que têm acesso à Verdade!!

E, claro, depois a nível político aparecem vários movimentos cada um com o seu “profeta”, e vê-se o homem a depositar a sua confiança noutro homem. Quando são os mundanos compreendo o seu comportamento, mas os Católicos... Esses não deveriam depositar a sua confiança no homem (ainda para mais quando nem católicos são, nem as suas propostas), sabendo que só Deus pode resolver a nossa situação actual. Até porque nenhum movimento actualmente, digo no nosso território, apresenta uma solução com a base no Caminho, na Verdade e na Vida. Falam na questão da raça, na imigração descontrolada, nos políticos e elites, na globalização, mas sem apresentar os mesmos problemas com base Católica, não vamos lá. Obviamente, o ideal seria termos uma forma de governo Católica, uma monarquia tradicional ou, talvez, um governo semelhante ao de Dr. António de Oliveira Salazar. Por isso, face a isto tudo, o que fazemos? É simples. Fazer o que a Igreja sempre fez, penso que seja a melhor solução para tudo aquilo que sofremos actualmente. Seja a Crise da Igreja, dos valores e da moral, dos costumes, da cultura, etc... Temos que voltar às nossas origens e simplesmente fazer o que sempre fizemos. Na questão da Missa e da Doutrina recomendarei que, sempre que possível, frequentem a Santa Missa de Sempre (também conhecida por Missa Tridentina, Missa Tradicional, Missa de São Pio V, Missa de Rito Antigo...) e tenham por perto Padres que conservem a verdadeira Doutrina Católica. Em tudo o que fazem e decidam nas vossas vidas, consultem um Padre, tenham um director espiritual, leiam os catecismos, adquiram livros que transmitam o conhecimento, filosofia, espiritualidade Católica. Leiam a vida dos Santos, para vermos os grandes exemplos que Nosso Senhor nos deu, além d’Ele mesmo. Pratiquem devoções particulares, novenas, orações aos vossos Santos patronos, visitas ao Santíssimo, pertençam a uma confraria, a uma Ordem Terceira, façam a consagração a Nossa Senhora, a São José, sejam activos nas vossas comunidades, façam obras de caridade e rezem o terço todos os dias como pediu a Nossa Mãezinha em Fátima. Façam reparação pelos vossos pecados, pelos pecados do próximo e por todas as ofensas que Deus sofre actualmente e ainda há de sofrer. E depois disto vem o resto. Se se entregarem a Deus de alma e de corpo a compreensão da Crise vem por acréscimo.

Sejamos bons Católicos, procuremos fazer sempre o que a Santa Igreja nos pediu para fazermos e, assim, conseguiremos reparar não só a Crise da Igreja mas toda a Crise política e social que sofremos não só na nossa Pátria mas também ao redor do mundo. Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo vos abençoe, hoje e sempre e que Nossa Senhora de Fátima interceda sempre por vós. Amén.

O Futuro do Tradicionalismo em Portugal

Eduardo Neto

“A tradição não é o culto das cinzas, mas a preservação da chama.” Gustav Mahler.

Portugal é uma nação profundamente ligada à tradição católica. Ao longo da História nacional, o dogma da fé esteve presente através de milagres, heróis nacionais, batalhas, políticos, militares, poetas e trovadores que cantaram a nossa Epopeia; e, claro, dos clérigos que preservaram os textos de tempos antigos, que mantiveram nos mosteiros os documentos e que lecionaram nas universidades.

Com efeito, desde o Milagre de Ourique em 1139, onde Cristo apareceu a Dom Afonso Henriques e lhe disse que o signo da Cruz lhe consagraria a vitória, até às forças corajosas de D.Miguel que pelejaram contra forças antinacionais, anticristãs, liberais, saqueadoras e cúmplices de uma grande ocupação da pérfida Albion, nação pirata e a França jacobina e revolucionária. Camões exalta na sua Epopeia, *Os Lusíadas*, exalta os heróis que já tinham caído e adverte ao rei futuro para não ser muito ambicioso, mas, ser prudente e assertivo no combate aos sarracenos e aos pagãos. Em 1580, poucos anos depois da publicação da obra, D. Sebastião desaparece em Alcácer Quibir e, com ele, o reino fica órfão caindo nas garras do vizinho castelhano, que há muitos anos tinha a ambição de unificar a Península. Em 1385, Nuno Álvares Pereira, o condestável, e o Mestre de Avis derrotam os castelhanos, em Aljubarrota, naquela que seria a primeira restauração popular da nação; dando início àquela que seria a mais heroica e venturosa geração da pátria portuguesa, a Inclita Geração. O duque de Coimbra, o Infante D.Henrique, Vasco da Gama, Diogo Cão, Gil Eanes e Afonso de Albuquerque partem num empreendimento que acabaria por ser o maior processo evangelizador da História mundial.

De Goa a Nagasaki, a luz de Cristo Redentor brilhava e elucidava os povos do Mundo, sob a égide do Padrão Português, levada naquelas pequenas, mas excelentes embarcações - as naus e as caravelas - instrumentos edificantes do Portugal eterno e indivisível, cuja alma e identidade prevaleceu nos séculos que daí advieram. A inveja do mundo, holandeses, genoveses, venezianos, franceses e espanhóis, eventualmente, acabariam por nos ultrapassar devido a vários fatores, em geral, causados por má gestão, ganância, incompetência e subversão. Apesar desta decadência; pós 1640, onde - graças a um grupo de nobres- a independência da Nação foi assegurada com a aclamação do Rei D.João IV. E, seguiu-se uma violenta guerra de 20 anos até esta ser reconhecida, mais um combate contra os holandeses, que entretanto perderam no Brasil, mas lá tomaram praças na Ásia.

Outro acontecimento que arruinou a nação portuguesa foi a dupla penetração da maçonaria nas instituições do reino, através das invasões francesas; as legiões da águia napoleónica marcharam sob o solo da pátria e com a altivez das legiões de César; e, a barbaridade das hordas de Átilla saquearam tudo o que puderam: quintas, cidades, despojaram as igrejas da arte sacra e por detrás um trilho de destruição sem fim. Com isto trouxeram, também, os ideais da Revolução, algo que aparentava ser virtuoso, nobre e libertador; era, no entanto, uma ferramenta subversiva para a maçonaria aumentar os seus tentáculos em solo lusitano - abrem, então, lojas maçónicas em Lisboa e no Porto. Em 1820, os burgueses e os maçons pedem uma Constituição, segue-se um período de instabilidade e uma série de eventos que catapultam uma reação. Dona Carlota Joaquina e seu filho, o legítimo rei, D. Miguel I, pois "D." Pedro renunciara ao trono e não tinha legitimidade para nomear a infanta como rainha de Portugal despertam na população um sentimento de verdadeiro amor à Pátria e piedosa devoção católica. O próprio papa Gregório XVI reconhece D. Miguel I como Rei. «Eis o Rei mais católico que tenho, que *tenho*, note-se bem, em toda a Cristandade».

A 25 de abril de 1828, Dom Miguel I é aclamado em Lisboa, infelizmente, a guerra civil que surge em Portugal acaba por pender a favor dos liberais. Não devido ao apoio popular, pois a maioria dos portugueses amava e era leal ao seu rei, mas a derrota deveu-se à incompetência do Estado-Maior e a má gestão diplomática. O Rei parte para o exílio e segue-se então em Portugal uma república coroadada, que durará até 1910, com o 5 de outubro. A mediocridade das elites políticas vigorou nesse tempo, as perseguições anticlericais, os assassinatos as golpadas, os governos, que caem de um dia para o outro. Uma guerra desastrosa que só chega ao término com Sidónio Pais que depois é assassinado, e, espoleta uma série de eventos que levarão ao 28 de maio de 1926, dando início ao Estado Novo.

O Estado Novo deu a Portugal estabilidade e um certo regresso a uma tradição rural, mas falhou em renovar ou revolucionar limitando-se a conservar certas práticas e costumes. No pós-guerra passa, então, por um período de estagnação ideológica e isolamento diplomático que força uma certa liberalização e que dá um convite à sua queda no 25 de abril de 1974.

Resta, então, saber qual é o futuro do tradicionalismo em Portugal, se tudo parece pender contra ele. A chave está nas pequenas coisas: como constituir família, praticar o catolicismo, ser trabalhador, solidário; e, apesar de ser firme nos seus valores, estar aberto a escutar o outro, pois é sempre melhor persuadir do que julgar. E, claro, ler e cultivar-se, principalmente sobre a História de Portugal tendo como referência personagens históricos como D. Miguel e António Sardinha.

Sugestões

Prezados leitores,

A pensar no aprofundamento dos valores que norteiam a nossa Carta de Princípios, a *Nova Alvorada* apresenta sugestões de livros criteriosamente selecionados. Desfrutem destas obras enriquecedoras, disponíveis gratuitamente online, e partilhe-as com aqueles que prezam a tradição.

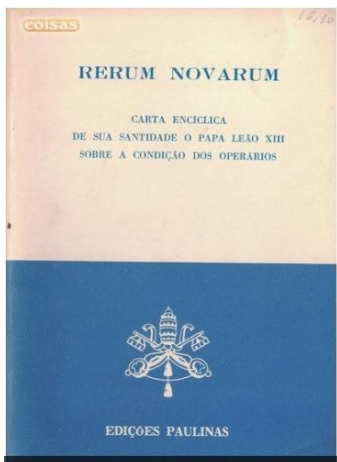
Livros

O Novo Príncipe (1841)



Escreito no exílio por José da Gama e Castro — médico, miguelista, tradicionalista e inimigo jurado do liberalismo — *O Novo Príncipe* é o maior tratado de ciência política contra-revolucionária já produzido em língua portuguesa. Considerado a "Bíblia" do pensamento contra-revolucionário lusitano. A sua clareza, profundidade e fidelidade à Tradição tornam-no leitura obrigatória para qualquer tradicionalista. Não é apenas um livro: é um brado de guerra pela Restauração. Cada página é uma acusação ao século XIX — e um mapa para a Contra-Revolução.

Rerum Novarum (1891)

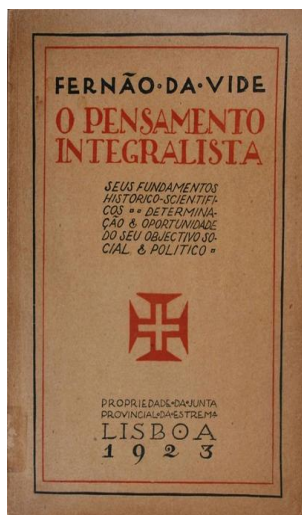


Publicada pelo Sancto Padre Leão XIII em 1891, a *Rerum Novarum* é a magna carta da Doutrina Social da Igreja (DSE). Contra o socialismo materialista e o liberalismo burguês, o Papa reafirma os fundamentos cristãos da ordem económica e social, restaurando a centralidade da Família, da propriedade privada e da justiça distributiva. Rejeitando a luta de classes a encíclica defende vigorosamente a harmonia entre as classes sociais e o direito à propriedade privada como natural e inviolável. Mas também denuncia o abandono do trabalhador e exige um salário justo, o repouso dominical, o papel das corporações e a tutela da autoridade legítima. É um apelo a uma sociedade orgânica, cristã e hierárquica. É importante para um Tradicionalista estudar a Doutrina Social da Igreja, e hoje, com o novo papado de Leão XIV, que recupera o nome do criador da DSE.



O Liberalismo é pecado (1884)

Publicado pelo Padre Félix Sardá y Salvany em 1884 e aprovado pela Sancta Sé, *O Liberalismo é Pecado* é um dos mais poderosos manifestos contra-revolucionários da era moderna. A obra afirma com clareza doutrinária que o Liberalismo, em todas as suas formas — política, moral, religiosa —, “é heresia universal e radical”, pois nega a soberania de Deus e da Igreja sobre os homens e as nações. Contra os que procuram conciliar Christo com a Revolução, o autor denuncia com coragem o “catholicismo liberal”, que ele define como “mera aparência de fé, mascarando o naturalismo e o racionalismo sob formas catholicas” Ao condenar tanto o liberalismo especulativo como o prático, o livro lembra que “ser liberal é maior pecado do que ser blasfemo, ladrão, adúltero ou homicida” Esta obra não é só uma denúncia — é um grito de guerra. É o catecismo do combate antiliberal. Ler *O Liberalismo é Pecado* é alinhar-se sem hesitação com Christo contra a Revolução



O Pensamento Integralista (1923)

Entre os textos doutrinários integralistas do século XX, *O Pensamento Integralista*, de Fernão da Vide, destaca-se como um verdadeiro compêndio da Doutrina integralista lusitano. Publicado em plena crise da identidade nacional, este livro oferece ao tradicionalista não apenas uma crítica implacável ao liberalismo e à democracia, mas sobretudo uma afirmação vigorosa da Monarquia Orgânica, da autoridade do Rei, da centralidade da Família e da missão espiritual da Nação Portuguesa. Ler *O Pensamento Integralista* é reencontrar a linha viva que liga os forais medievais ao reinado de D. Miguel I, é recordar que não há liberdade fora da ordem nem bem comum sem hierarchia. Num tempo de dissolução, esta obra repropõe os alicerces do Portugal verdadeiro: Trono, Altar, Terra e Sangue.

Locais a Visitar

Visitem os lugares que a *Nova Alvorada* vos indica, pois cada local evoca a tríade que é o pilar da nossa doutrina: Deus, Pátria, Rei. Nestes espaços carregados de história, fé e identidade nacional, sentirão a pulsação dos valores que devem unir todos os tradicionalistas. Descubram a manifestação tangível dos nossos princípios, fortalecendo a vossa ligação espiritual, o vosso amor à Nação e a reverência pela nossa Tradição Monarchica.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha



Rua da Alfândega 108, 1100-585 Lisboa

Portal Manuelino, interior Barroco e Rococó

Celebrada Missa Tradicional, segundo o Missal Romano 1962 [IBP]

Museu da Marinha



Praça do Império

Belém 1400-206 Lisboa

Possui Modelos de navios: Desde as caravelas dos Descobrimentos até aos navios de guerra do século XX. Inclusive, alguns em tamanho real

Museu do Tesouro Real



Calçada da Ajuda, 1300-012 Lisboa

Testemunhar a magnificência do Tesouro Real, um legado importante da nossa história monarchica que ecoa a grandeza de Portugal e da nossa tradição.

L'AMI DU ROI



Periódico Monárquico Mensal
Dedicado ao Mvi Altissimo Sagrado
Coração de Jesu

Escreito por D. Alexandre, Alcaide-mor do Alandroal.



Sermam:

Está tudo em tal sossego, que se diria jazermos todos em letargo,
como se mortos estivéssemos para os males que nos cercam.

Olho em derredor e vejo um povo que pouco se dá ao trabalho de
saber o que se passa; um povo que, por indolência ou desalento,
deixa que lhe arranquem o pão da boca e se cale diante da
injustiça.

Sejam as indisponibilidades de habitação, sejam os preços que
sobem como águas em tempo de cheia, seja o opróbrio que sobre
nós se lança, tudo sofre esta nação sem resistência, tudo entrega
como se nada lhe pertencesse, vendendo suas últimas migalhas a
um estado de vozes mudas e cabeças democráticas, que tão
somente se inclinam à opinião do Estrangeiro – e mal se inclinam,
pois nem nisto encontram firmeza.

E que dizer, amados filhos de Portugal, dessa nossa apatia? Que
dizer dessa desgraça indigna em que jazemos?

Onde está o brio que outrora nos moveu? Onde está o ardor que
fez de nossa pátria terra de navegantes e de santos, de guerreiros e
de mártires? Por que razão não há movimento, não há voz, não há
ação? Esperamos, acaso, que dos Céus nos venha milagre? Mas que
milagre haverá para os que dormem?

Ser português, neste tempo desgraçado, é ser o mendigo da
Europa Ocidental!

Vivemos da esmola dos grandes, enquanto escondemos nossa miséria sob a sombra de glórias passadas. E que glórias! Glórias que foram do braço forte de nossos avós, e que hoje não passam de quadros empoeirados na casa da Democracia, essa grande desgraça, onde oradores bem falantes, mas de corações vazios, enchem as cortes e as assembleias com palavras belas e promessas vãs!

Sim, senhores, eis a nossa sorte, eis a pátria, comparável a dois varões gordos e preguiçosos, cheios de retórica, que jazem à sombra da bananeira, incapazes de erguer-se, incapazes de resolver suas próprias contendas!

E eu me indigno! Sim, eu me indigno, e com justa razão! Pois que vejo os governantes desta terra erguerem louvores a Camões e a D. Afonso Henriques, encherem suas bocas de exaltação à nação, enquanto nossa casa ruge em ruína e nosso povo se afunda na penúria! Hipócritas! Hipócritas que sois senhores! Pois que os heróis de quem falam, se hoje vivessem, por certo empunhariam suas espadas e punhos e vos lançariam à rua como parasitas! Não basta falar da pátria, meus senhores! É preciso servi-la! É preciso amá-la com obras, e não com discursos ociosos! Eu amo minha nação, mas abomino aqueles que a governam!

E por isso sonho, sim, sonho com um dia novo, um tempo novo! Um tempo em que um Rei reine com justiça, um sacerdote reze com fervor, um bispo inspire com virtude e um fidalgo obre com retidão!

E não apenas sonho – desejo fazê-lo acontecer!
E juro, perante Deus, que esse tempo virá por minhas mãos e pelas mãos dos justos que comigo empunharão a bandeira branca!

E que assim seja.